

## O PROFESSOR DAS PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL E O ATO DE LER

Minervina Joseli Espíndola Reis\*

**RESUMO:** *Compreendemos que o ato de ler exerce função importante em nossas vidas e está inserido no processo social. Para despertar o gosto pela leitura, é preciso gostar de ler e, se ler, para o professor, é sofrimento, dificilmente ele despertará em seus alunos o desejo pela leitura. Diversas pesquisas apontam que muitas escolas não têm contribuído para a formação de leitores. Este estudo tem o objetivo de investigar como os/as professores/as, em exercício nas primeiras séries do Ensino Fundamental que estão cursando um Programa Intensivo de Graduação Plena em Pedagogia – Programa Rede UNEB 2000, município de Alcobaça, se relacionam com a leitura. Os dados da pesquisa foram coletados através da aplicação de um questionário aos 97 (noventa e sete) professores que participam do Programa. Para as entrevistas de aprofundamento, foram sorteados 12 (doze) professores, cujo critério foi o tempo de exercício do magistério. As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas e transcritas sob a autorização prévia. Após análises detalhadas do material, tendo como embasamento os diversos estudos sobre o tema, iniciou-se a interpretação dos dados, permitindo a construção de três categorias: a leitura na história de vida dos professores, tipos de leituras efetuadas pelos professores e leitura: fonte de prazer e conhecimento ou um sacrifício determinado por alguém. Os dados revelam considerações importantes que contribuíram para consistentes reflexões sobre o grande dilema da educação brasileira: a formação do hábito de leitura para a construção de leitores críticos.*

**Palavras-chaves:** Educação; Leitura; Formação de Professores

### INTRODUÇÃO

Pesquisas demonstram que a formação de professor tem sido, ao longo destes anos, excessivamente centrada nos estudos acadêmicos. Suas experiências, seus desejos e suas angústias não são colocados em discussão. É como se as questões pessoais não fizessem parte do contexto, do processo de formação. É importante conhecer o sujeito, a sua história de vida e como ele interage com os conhecimentos adquiridos.

A formação do professores deve ser vista como um trabalho de constante reflexão, construção e reconstrução da identidade pessoal e profissional. Feil (1995, p. 43) destaca que “a formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra no cerne da identidade de pessoal”. Os cursos de formação e os pesquisadores devem dialogar com o sujeito que se encontra em processo de formação, para encurtar a distância entre eles.

O professor, como qualquer profissional, precisa perceber que os seus caminhos percorridos, suas doces lembranças e seus terríveis fantasmas fazem parte do profissional. Sua trajetória de vida influencia no seu modo de interagir com os conhecimentos adquiridos e no desempenho de sua função.

Neste estudo, tratamos da relação do professor em exercício nas primeiras séries do Ensino Fundamental, cursando um Programa Intensivo de Graduação Plena em Pedagogia –

---

\* Mestre em Ciências e Práticas Educativas – [jomamajo@uol.com.br](mailto:jomamajo@uol.com.br).

Programa Rede UNEB 2000<sup>1</sup> – Município de Alcobaça – com o ato de ler, por reconhecermos a importância do docente no processo de formação de leitores nos primeiros anos de escolarização. Pretendemos, com a divulgação dessa investigação, contribuir com importantes subsídios para uma análise consistente a respeito da formação do professor das primeiras séries iniciais da Educação Básica e o ato de ler.

## DESENVOLVIMENTO

A leitura e a escrita exercem função importante em nossas vidas e estão inseridas no processo social. A escola que deseja contribuir para uma transformação social, precisa possibilitar que seus alunos se apropriem da leitura, pois, por meio do ato de ler, eles terão maiores oportunidades de acesso à informação e de adquirir conhecimentos que os fortalecerão para o exercício da cidadania.

Silva (2000, p. 45) nos fala que “ler é, em última instância não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”. Freire (1986, p. 52) expõe que ler é reescrever o que estamos lendo, é descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto do leitor

A partir dessas afirmações, podemos perceber que ler não é apenas a simples decodificação de símbolos, inclui articulação entre as outras diferentes formas de linguagens que constituem o universo simbólico. Ler é um processo interativo, uma interação intrínseca entre o autor/texto e leitor. Portanto, no ato de ler, não há neutralidade e muito menos é um ato banal. Ao contrário, o hábito da leitura nos possibilita a formação de leitor competente que interpreta as informações obtida e as utiliza de modo eficaz.

Soares (1988, p. 57) sinaliza para as condições sociais da leitura e nos alerta que sua “aquisição é feita de uma forma seletiva”. Segundo a autora, o que se faz nas escolas é “apropriação da decodificação, mecânica de símbolos”. Deste modo, os alunos “aprendem a ler”, mas, “não se tornam leitores”, o que contribui para afastar o aluno, sobretudo os das camadas populares, do conhecimento. Sabemos que, o hábito de ler não se adquire somente na escola, é constituído ao longo do caminho, de forma diferenciada, por cada indivíduo. A instituição, escola, simplesmente se responsabiliza pelo “processo formal” e “intencional” da decodificação dos símbolos. Infelizmente, em nossas andanças pela Educação Básica, temos a tristeza de certificar que muitas escolas nem essa tarefa estão cumprindo.

Sem acesso ao conhecimento, estamos mais vulneráveis a sermos prisioneiros de uma ideologia imposta, de ignorarmos a nossa função na dinâmica social; na reprodução das desigualdades, das injustiças. Um indivíduo que lê mais, naturalmente, terá mais possibilidade de produzir conhecimentos, de expressar seus pensamentos e defender seus pontos de vista.

Pesquisas apontam que a escola deixa grande lacuna no processo de aquisição da leitura, e o ato de ler é visto como algo sem importância, uma obrigação imposta pelos professores. Deste modo, leitura e escrita, para muitos alunos, é sinônimo de sofrimento, castigo, angústia e desprazer. Os alunos se sentem sufocados, ameaçados diante da necessidade de ler e escrever.

A formação de leitores é um dos grandes problemas da educação brasileira. A constatação do fracasso das escolas, perante esse desafio, nos impulsiona a trilhar novos caminhos para entendermos e vencermos as dificuldades vivenciadas no cotidiano das escolas em relação à prática da leitura. Após diferentes pesquisas relacionadas com o tema, podemos

---

<sup>1</sup> Programa desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia que objetiva a atender a demanda do Ensino Superior nos Municípios das microregiões onde estão sediados os seus Departamentos.

certificar que apenas apresentar pacotes pedagógicos, com metodologias diferenciadas, não contribui para a formação de leitores.

Buscando superar os desafios encontrados na formação de leitores, sobretudo nos primeiros anos de escolarização, estudos realizados sinalizam que investigar como os professores pensam, compreendem e se relacionam com a leitura é de fundamental importância para o processo de construção de leitores sobretudo nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

## A Pesquisa

Como o estudo proposto visava investigar os hábitos de leitura dos docentes em exercício nas primeiras séries do Ensino Fundamental, que estão cursando um Programa Intensivo de Formação de Professor optamos pela pesquisa qualitativa. Através da investigação qualitativa, pudemos perceber como “os sujeitos interpretam suas experiências, como estruturam o mundo social em que vivem e como se percebem” (BIKLEN, 1994, p. 85).

Na execução da pesquisa, utilizamos também a abordagem quantitativa, apenas nos aspectos passíveis de quantificação, como os dados recolhidos através de um questionário, aplicado aos 97 (noventa e sete) professores que fazem parte do programa com o objetivo de verificar os tipos de leituras realizadas antes do curso. As respostas às questões do questionário foram tabuladas e calculadas as porcentagens respectivas.

Para a entrevista de aprofundamento, foram sorteados 12 professores<sup>2</sup>, cujo critério foi o tempo de exercício do magistério. O grupo de professores foi subdividido em 6 subgrupos, por períodos de 5 em 5 anos. De cada subgrupo, foram sorteados dois professores, formando um total de 12 (doze) entrevistados. Optamos por entrevista semi-estruturada por acreditarmos que os “questionamentos básicos da pesquisa que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVINÕS, 1987, p.146). As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e foram todas gravadas e transcritas sob a autorização dos mesmos. Após a realização das entrevistas e feitas as transcrições, iniciou-se a análise do material recolhido. Este contato com o material representou um desafio entrelaçado com o prazer de estar diante de um vasto e rico material. Após muita leitura e manuseio do material, realizamos a ordenação inicial das entrevistas. A partir de então, procedemos com a *descrição analítica*. Foi o momento dos recortes das informações coletadas, para agrupá-las de acordo com cada temática abordada, originando a construção de três categorias:

1. A leitura e história de vida dos professores.
2. Tipos de leituras efetuadas pelos professores antes do curso.
3. Leitura fonte de prazer e conhecimento ou um sacrifício determinado por alguém.

### 1. A leitura e história de vida dos professores

Ao focalizarmos na história de vida dos professores entrevistados o processo de aquisição da leitura e da escrita, mesmo na singularidade de cada sujeito, pudemos perceber que pontos coincidem, como:

- no ambiente familiar, aprender a ler e escrever era visto como uma imposição social;
- nove entrevistados são oriundos de famílias que não possuíam livros em casas;
- a professora era vista pela família como uma autoridade, detentora de uma verdade inquestionável e com um poder absoluto sobre as crianças;

---

<sup>2</sup> Os professores entrevistados não terão seus nomes revelados como forma de preservar suas identidades e serão identificados/as neste trabalho como P1, P2, P3, ... P12.

- dez dos entrevistados foram alfabetizados na escola, apenas dois relatos revelaram que os pais não faziam questão que os filhos fossem à escola para aprender a ler e a escrever, por acharem desnecessário;
- em todos os relatos foi mencionada a utilização da cartilha no processo de alfabetização;
- o ba-be-bi-bo-bu foi citado como ponto de referência na alfabetização;
- a presença das intermináveis cópias;
- o famigerado ditado;
- a leitura silenciosa como modo punição (recurso utilizado para conseguir o silêncio da turma);

Em relação às lembranças dos primeiros anos de escolarização, 4 (quatro) professores entrevistados expressaram carinho e admiração pelas professoras e sinalizaram também que as têm como referência, um exemplo a ser seguido no desempenho da função docente. Já em outros relatos, mais especificamente 5 (cinco), as professoras dos primeiros anos de escolarização são lembradas de modo negativo, sendo consideradas conservadoras, autoritárias que davam ênfase a exercícios repetitivos e cansativos, enfim um exemplo negativo de professor. Os demais depoimentos revelaram que as professoras das séries iniciais não deixaram lembranças significativas em suas histórias, que existe apenas uma vaga lembrança, o que dificulta tecer comentários a respeito das mesmas.

Percebe-se que as lembranças dos primeiros anos da caminhada estudantil deixam marcas em nossa história. Tanto que o desempenho profissional de 9 (nove) sujeitos da nossa pesquisa têm como referência (positiva ou negativa) seus professores que, de algum modo, deixaram marcas na trajetória educacional e, conseqüentemente, no desempenhando profissional.

Ressaltamos a necessidade de estabelecer um diálogo entre o *eu profissional e o eu pessoal*, desafiando o professor a pensar a sua história educacional e social, a fim de o mesmo reconhecer as influências de sua história no desempenho de sua função, tecendo, deste modo, uma reflexão a respeito da importância do seu papel na história de vida de seus alunos.

## 2. Tipos de leitura efetuada pelos professores

As respostas ao questionário referentes às leituras realizadas pelos professores, antes do curso, demonstraram que 37,3% tinham como preferência a leitura de romance, 34,8%, revistas periódicas informativas, 17,5%, livros didáticos, 16,8%, revistas direcionadas para a educação, 16,4%, “gibis”, 8,6%, jornais. Apenas 12,8% dos professores revelaram que liam livros sobre educação e 9,13% indicaram que não realizavam nenhum tipo de leitura antes do curso.

Pode se perceber que as respostas relativas às leituras realizadas pelos professores possibilitaram respostas múltiplas. Este fato pode ter levado a um mascaramento dos dados, mesmo porque, nas entrevistas semi-estruturadas, os sujeitos tiveram oportunidade de revelar uma quase absoluta “não leitura” como podemos certificar nos depoimentos: “De primeiro, eu não pegava num livro. Só ficava na frente da TV, vendo a novela das 6, das 7, das 8... (risos)” (P.2). “Eu não lia nada mesmo. Eu achava que não era preciso, que não fazia falta. Mas depois que comecei a estudar, eu vi quanto tempo eu perdi na minha vida. Tinha tempo para ler e não lia.” (P.11). “Os professores passam muitas leituras e são textos difíceis para gente entender. Muitas vezes eu não compreendo nada, só vou entender depois das discussões em sala” (P.10).

Como vimos no início do texto, a escola não contribui para a formação de leitores e escritores. A instituição apenas possibilita a aquisição da aprendizagem de decodificação dos símbolos. A partir das entrevistas, podemos comprovar as afirmações dos autores citados, uma vez que os professores, que deveriam ser referenciais de leitores e escritores para os seus alunos, não podem cumprir esse papel, uma vez que eles, também, segundo os relatos, quando lêem um texto, não compreendem a mensagem do autor. Deste modo, apenas decodificam o que está escrito.

A análise dos dados nos permitiu constatar que a falta do hábito de leitura e da escrita por parte dos professores entrevistados gerou dificuldades na compreensão dos conteúdos estudados nas disciplinas da graduação. Um relato emocionado de uma professora revelou que, atualmente, em alguns momentos, sente angústia e vergonha de ser professora e não ter o “gosto pela leitura”. Esse sentimento, segundo a professora, no início, gerou um desânimo, uma descrença em relação ao curso e ao desempenho da sua função. Entretanto, em contato com os diversos conteúdos estudados na graduação, esse pessimismo aos poucos foi sendo diluído e, a cada dia o desejo de superar as dificuldades vem sendo fortalecido.

### **3. Leitura: fonte de prazer e conhecimento ou um sacrifício determinado por alguém**

Para despertar o gosto pela leitura, é preciso gostar de ler. Ninguém dá para outro aquilo que não tem. Se ler, para o professor, é sofrimento, é obrigação, dificilmente ele despertará em seus alunos o desejo pela leitura. Seus alunos, como ele (o professor), vão ler simplesmente para cumprir as tarefas, sem compreender o que estão lendo e muito menos sentir os prazeres da leitura.

Segundo os depoimentos de 4 (quatro) entrevistados, ler é um sacrifício necessário, 2 (dois) professores alegaram ter dificuldades em ler, pois “*lê dá sonho*”, 5 (cinco) alegaram falta de tempo para efetivação das leituras, como podemos detectar nesse depoimento: “*Eu gosto de ler, sei que é necessário, mas e o tempo? São tantas compromissos que a leitura sempre fica para o dia seguinte.*” (P.2). Foi possível perceber também que as leituras efetuadas são ditas com uma obrigação imposta pelos professores da graduação “*Depois do curso quero descansar um pouco das leituras. Estou muito cansada de tanto ler*” (P.11).

A análise dos dados permitiu constatar que a procura por cumprir e atender às solicitações dos docentes do curso fez com que os professores em formação se dedicassem mais às leituras ocasionando, então, um despertar, para a necessidade e a importância de serem leitores, escritores. Como podemos exemplificar nos relatos a seguir: “*Eu descobri que sem a leitura você não é nada*”. (P.6). “*Eu passei a gostar de ler depois do curso*”(P.2). “*É muito ler e entender a mensagem do autor, é isso que dá prazer*”.(P.4). “*Leitura é essencial em nossa vida, gostaria de tempo para ler mais*”. (P.10).

Contudo pode-se deduzir, com os depoimentos, que, apesar de reconhecerem a importância da leitura e da escrita em suas vidas, o ato de ler e escrever ainda permanece sendo visto por alguns professores como uma obrigação a ser cumprida e não como uma fonte de saber. A aquisição do prazer da leitura continua um desafio a ser vencido, um hábito a ser construído, ao longo de suas vidas.

## **CONCLUSÃO**

É momento de pensar numa escola que trate a leitura e a escrita como fonte de conhecimento e de interação com o mundo. Para isto, é primordial que os/as professores/as conquistem o hábito de ler/escrever. Se nós, professores, não lemos e não escrevemos, não é por acaso. Alguém não nos permitiu que construíssemos esse hábito, gerou-nos traumas/medos e angústia diante de um texto/livro a ser lido; desespero perante uma folha de papel em branco, que precisa ser escrita. Esses sentimentos fazem parte da vida de muitos professores; professores estes que têm a estranha tarefa de formar leitores e escritores. Esse paradoxo favorece a cristalização dos fracassos escolares como: o analfabetismo funcional, a evasão, a repetência, a inculcação de conhecimentos sem utilização no cotidiano, o desprazer e o desencanto pela leitura, pela escrita e pela escola.

O desempenho da função professor está conectado com a história de vida de todos que estão envolvidos no processo educativo e conseqüentemente, com a história da sociedade, na qual somos atores e escritores e não apenas expectadores. Ser professor é fazer parte da caminhada de muitas famílias, que depositam, na escola e na figura do professor, a esperança de uma vida menos sofrida para os seus filhos.

Reconhecemos que não será fácil vencer o desafio de formar leitores competentes. Sendo a educação um ato pedagógico, social e político, toda a dinâmica que permeia a educação envolve os demais segmentos da sociedade. Portanto a educação não pode ser vista de uma forma isolada. O cotidiano das escolas está embutido de interesses que extrapolam as questões pedagógicas, as relações estabelecidas, os conteúdos estudados e até mesmo a sua estrutura física não foram definidas por acaso. Para compreendermos um pouco melhor essa relação escola e sociedade e os interesses políticos que envolvem o ato de educar, precisamos refletir sobre o papel da educação na sociedade.

Nós, professores, precisamos ter consciência do nosso papel na história de vida de nossos alunos e reconhecer que, no cenário das salas de aulas, tecemos tramas que entrelaçam questões sociais, econômicas, políticas e pedagógicas. Portanto a nossa função e a educação não são neutras. No cotidiano escolar, sustentamos a estrutura social vigente, reforçando o autoritarismo, ou contribuímos para transformar o que está imposto/legitimado.

Os dados revelados na pesquisa realizada sinalizam que um meio para romper o que está imposto é vencer as barreiras pessoais, a aversão à leitura adquirida logo nos primeiros contatos com a linguagem escrita. É preciso questionarmos o que desejamos para nós, profissionais, e para os nossos alunos. Refletirmos se pretendemos continuar andando pela mesma estrada, fazendo e refazendo o mesmo percurso, olhando o mundo com os olhos do outro, gerando desencantos e sofrimentos em nossos alunos. Ou se desejamos construir novos caminhos, abrir possibilidades de adquirir conhecimentos para encarar a vida de frente, vencendo desafios, ultrapassando barreiras, rompendo limites. E assim, ir tecendo a história, interagindo com os conhecimentos adquiridos, construindo e reconstruindo competências necessárias para encarar, com sabedoria e encantamento, a luta diária contra as desigualdades vividas em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BIKLEN, Sari; BOGDAN. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

FEIL, Iselda Teresinha Sausen. **A formação do professor na construção de uma nova cultura da profissão**. São Paulo: Unijuí, 1995.

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. **Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Magda. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo, Ática, 1988.

TRIVIÑOS, Augusto.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.



UNEB. **Programa Rede UNEB 2000**. Salvador, Bahia: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD, 1999.